

A HISTÓRIA DE AGENOR E A IGREJA DO BRASIL

Marcos Monteiro

Agenor mudou o nome para Robert Jean e foi ser artista ambulante, exhibir no grande circo da vida os seus talentos de contorcionista, comedor de vidro e fogo. Com 20 anos de idade, morador de um dos subúrbios mais pobres da cidade do Recife, pai, mãe e sete irmãos para sustentar, Agenor é para mim o brasileiro que consegue, com um pouco de picardia a muita criatividade, questionar, com a própria vida, definições, estatísticas e profecias e, apesar de si e do mundo, sobreviver.

Com uma inflação que atingiu em maio deste ano, 253,5%, um crescente desemprego e um salário defasado, talvez tenhamos, os agenores do país, de nos transformar em "Roberts Jeans" e aprender a nos contorcer em praça pública. Como os preços dos bens alimentícios crescem ainda mais que a inflação, aprendemos também a mudar de hábitos alimentares e, se preciso for, alunos de Agenor, comeremos vidro, fogo e o que vier.

Em fevereiro deste ano, "Robert Jean" fez uma série de "shows beneficentes" numa das praças do centro do Recife. Durante seis dias, explicou, todo o apurado seria para os pobres que moravam na beira do mangue do seu bairro. O motivo era que Agenor havia adoecido, contraindo hepatite e, por falta de tratamento adequado, houve agravamento no quadro clínico. Bom brasileiro, devoto, apelou pra sua santa protetora, prometeu os seis "shows" se ficasse bom, e ali estava contando a história e pagando a promessa.

Moreno, jovem, subnutrido, parcialmente alfabetizado, mal assistido em saúde e habitação, suburbano, de

família numerosa, devoto de algum santo ou de alguma entidade mítica, criativo, bem-humorado, hospitaleiro e faldador, Agenor é o brasileiro que vence o desemprego, se contorcendo ou que enfrenta a crise com uma piada. "Artista da vida, equilibrista da fé", na frase do poeta popular.

Agenor é parte de uma realidade na qual a Igreja está inserida e perante a qual Deus a colocou. Posta por Deus diante de Agenor e do seu mundo, precisa encontrar a sua palavra e a sua ação num universo de pessoas concretas, marianas, severinos, agenores, à margem do qual não pode existir.

UMA IGREJA PARA AGENOR

Se fôssemos perguntar a Agenor o que é Igreja, ele provavelmente nos diria que é um prédio com um torre alta, cercado por um muro, ou prédio onde se canta muito e se fala "as palavras de Deus". Quando muito, poderia dizer que a Igreja é uma "organização" que procura levar a Palavra de Deus a todas as pessoas, o que já seria uma definição melhor, embora ainda inadequada.

Na realidade, a Igreja não pode ser definida por Agenor, nem por si mesma. A Igreja responde por sua existência apenas a Deus, é Igreja dada por Deus, definida por Deus e que só pode ser julgada e avaliada pela Palavra de Deus.

E o que a Palavra de Deus nos diz sobre a Igreja?

1. A Igreja não é um templo ou um lugar, mas é o Povo de Deus.

A Igreja não é feita de tijolo, cimento e areia, mas de mãos e pés, cabeça e coração. Como povo, a Igreja anda, pensa e ama; age e crê e sofre; luta, decide e deseja.

A Igreja é o povo que pertence inteiramente a Deus (1 Pedro 2.9). Não se pertence, nem pertence aos deuses desse século ou às ideologias dominantes. Só é Igreja

quando totalmente livre para Deus, quando comprometida com nenhum partido, nenhum programa, nenhuma instituição, seja de esquerda, de direita, ou mesmo de centro. E é isto que constitui a sua santidade.

A santidade da Igreja não significa alienação. Muita gente pensa, como Agenor, que a Igreja está separada do mundo por um muro, mas isso não é a verdade do "Povo de Deus". Mais do que separação, a santidade da Igreja deve ser entendida como liberdade. Livre do pecado, livre do mundo, livre do diabo, o povo de Deus deve estar presente no mundo, sem os muros do medo e sem as cercas da discriminação, para que também Agenor encontre lugar na Igreja.

2. A Igreja não é uma organização ou uma instituição, mas um movimento.

A Igreja é povo em movimento. Não é um templo imóvel e insensível ou uma organização fixa e previsível, mas é um povo peregrino sob a ação incompreensível do Espírito.

A Igreja descrita no livro de Atos está constantemente em movimento, mas não em movimento organizado, facilmente antecipável. Descreve, ao sabor do Espírito, uma caminhada irregular, imprevisível, mas surpreendentemente frutífera. O Espírito no livro de Atos escolhe, transforma, dirige, capacita, impede, acompanha, aprova ou desaprova a Igreja no seu caminhar, mas sempre coloca-a no lugar e na dimensão corretos.

Por isso, a Igreja deveria ser mais parecida com Agenor, que desrespeita as estatísticas e as "profecias científicas", usando a inventividade que Deus lhe deu para encontrar outros caminhos, não se permitindo em momento algum ficar à margem da vida e da história.

Somente no Espírito a Igreja consegue fazer frente aos desafios do nosso momento atual; somente ele pode nos colocar ali onde a nossa palavra e ação evangélicas podem responder efetivamente aos anseios do nosso povo.

3. A Igreja não é uma reunião de louvor, mas é o Corpo de Cristo.

A Igreja não se reúne ocasionalmente para culto e celebrações, ela está reunida permanentemente, ligada pelo sangue de Cristo no mesmo afeto, propósito e finalidade. A totalidade dos irmãos, diversos em dons e capacidades, alimentados e unidos pelo sangue de Jesus Cristo, faz o seu corpo.

Para ser o corpo de Jesus Cristo, continuação de sua presença e ministério, o modo de ser da Igreja é a cruz e o seu lugar de agir é o mundo. Porque de Jesus Cristo, ou melhor ainda, por ser Jesus Cristo, a Igreja tem de estar ali onde está Agenor, como o próprio Jesus estaria.

A Igreja, portanto, é leiga, carismática e crística, povo do Espírito e do Senhor Jesus, em vez de templária, institucional e cültica. É certo que a Igreja dispõe de templos, organizações e estruturas, reúne-se em culto e em celebrações, mas isso não é a sua essência, não lhe dá o seu significado último.

O MUNDO DE AGENOR

Para que encontre o seu significado e cumpra sua missão, a Igreja precisa conhecer o mundo de Agenor. A fome e a subnutrição, o desemprego e o subemprego, a falta de higiene e a marginalidade, a desonestidade e a violência, todos andam juntos ao redor de Agenor e, na sua cidade, as cenas deprimentes se sucedem.

Todos os dias, de manhã e de noite, na Casa do Estudante do Recife, cerca de trezentos litros de resto de comida são disputados avidamente por pedintes, desempregados, lavadores de carros, desocupados e marginais. Em outro lugar, num canal de águas extremamente poluídas que passam em frente a um matadouro, homens, mulheres e crianças disputam com os cães as víceras flutuantes dos animais abatidos. Nos monturos de lixo da cidade, os pobres passeiam à

cata de restos de comida ou de objetos que possam ser vendidos a preços irrisórios a comerciantes interessados. Muitas vezes, próximos a um desses locais, símbolo da miséria, ergue-se um templo evangélico, símbolo do amor de Deus. Como coadunar as duas coisas?

Notícia de jornal: "uma criança de dez anos tem as mãos queimadas por sua mãe através de uma faca aquecida ao fogo. O motivo foram trezentos cruzeiros que a criança usou para comprar mortadela e saciar a sua fome". Somente em um número do Diário de Pernambuco, 13.06.84, são mencionadas seis agressões a facadas. Desde uma anciã de 66 anos de idade, a um menor de 17 anos, agredidos por conhecidos ou por desconhecidos, por "cidadãos respeitáveis" ou por "marginais". Em uma semana, 18 corpos de pessoas não identificadas foram encontrados em diversos locais da cidade, mortas à bala e com sinais de tortura. A violência toma conta de uma cidade onde a Igreja prega o amor.

Os matemáticos e estatísticos, modernos profetas de nosso século, trazem previsões e informações estarrecedoras. Cerca de 23.000 crianças menores de um ano, irão morrer este ano em Pernambuco, 65% por causa da desnutrição. No período de 1977 a 1980 (dados divulgados pelo Ministério da Saúde), de todos os óbitos por doenças parasitárias e infecciosas no Nordeste, 77,1% foram de crianças com menos de quatro anos de idade.

Mas todas essas coisas são sintomas de processos maiores, estruturais, que muitas vezes desconhecemos. O diagnóstico da cidade de Agenor termina no descobrimento das causas mais complexas, das relações sócio-econômicas causadoras do empobrecimento gradativo da maioria da população.

E AGORA, O QUE FAZER COM AGENOR?

Chamada a uma definição pela palavra de Deus e ao conhecimento do mundo de Agenor, no qual e para o qual vive, o que pode a Igreja fazer?

1. A Igreja deve manter sua identidade. Não pode ser transformada numa comissão político-social. Manter e desenvolver a sua atmosfera espiritual e crística, através de uma intensidade devocional, bíblica, e de uma liturgia expressiva em seu simbolismo e significado.

2. A Igreja deve lutar contra o pecado e suas expressões visíveis. Ela reconhece que o problema da humanidade é teológico e cristológico e que o pecado, distância de Deus e de Jesus Cristo, se expressa de maneira visível e destrutiva em homens e estruturas injustos.

3. A Igreja deve viver em permanente auto-crítica. Temos que admitir que o pecado também está na Igreja e muitas vezes a Igreja local é uma pequena cópia do mundo que lhe rodeia. As discriminações sociais, o elitismo, a desigualdade econômica causadora de fome e pobreza, também estão presentes na Igreja, chamando a mesma a um constante arrependimento.

4. A Igreja deve ter uma idéia integral do evangelho. Deve levar a mensagem de que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados, mensagem de salvação, mas não pode tratar as pessoas como se fossem "espíritos desencarnados". A Bíblia é clara em afirmar que não existe amor somente e palavras. A palavra da Igreja deve existir como a Palavra de Deus, encarnada. É a ação da Igreja que dá corpo ao espírito de suas palavras.

5. A Igreja deve ter a porta aberta para todas as pessoas. A tentação do elitismo parece ser a tentação perante a qual a Igreja sucumbe mais facilmente. Discriminamos as pessoas, mesmo sem sentir, simplesmente negando-lhes espaços em nossa liturgia, em nossa alegria ou em nossas estruturas. Talvez fosse bom chamarmos pessoas como Agenor para criticar o nosso viver. Talvez descobríssemos, assim, novos caminhos e horizontes no nosso existir.

6. A Igreja deve abandonar a sua postura defensiva e assumir sua postura de vanguarda. A retaguarda não é lugar por excelência da Igreja. Na sua luta por Jesus Cristo contra o pecado, a Igreja é a agressora. Identificar o inimi-

go e partir com garra para cima dele é o modo correto de ser da Igreja.

7. A Igreja deve abandonar estruturas rígidas e, sob o comando do Espírito, procurar formas flexíveis e funcionais. A Igreja deve, talvez, ser uma trabalhadora atípica, como Agenor. Agenor faz parte de uma economia chamada invisível ou subterrânea que em épocas de crise cresce mais do que qualquer outra coisa. Segundo dados do IBGE, são dez milhões de pessoas, 20% da força de trabalho do país, que movimenta 27,2 bilhões de cruzeiros, 7% do nosso PIB. Há cinco anos atrás, representava apenas 0,5% desse mesmo PIB. O que aconteceu? Por mera necessidade de sobrevivência dos trabalhadores, multiplicaram-se as transações econômicas informais, surgindo um sem-número de feirinhas, pequenos comércios, autônomos e ambulantes, procurando manter o seu lugar. Talvez a Igreja precise multiplicar-se atipicamente para atender o mundo em crise.

Talvez a Igreja precise avançar por parte, antes de se tornar naquilo que Jesus Cristo espera. Precisariamos recuperar, quem sabe, pouco a pouco, a unidade informal do corpo de Cristo, para que a nossa presença seja mais efetiva. Vamos lembrar a máxima de Bob Pierce: "Por não podermos fazer tudo, não significa que não possamos fazer nada".